

EUGENIO COSERIU ENTRE A FILOLOGIA E A LINGUÍSTICA BRASILEIRAS (1950-1963)

Cristina Altman

Universidade de São Paulo

Introdução

Em uma manhã de agosto de 1993, durante a VI International Conference on the History of the Language Sciences, na Universidade de Georgetown, em Washington, D. C., entrevistei informalmente professor Eugenio Coseriu (1921-2002). Na entrevista, gravada e confiada hoje aos arquivos do Centro de Documentação em Historiografia linguística (CEDOCH) da Universidade de São Paulo, Coseriu mencionou suas impressões sobre os profissionais brasileiros com quem manteve contato ao longo do tempo em que trabalhou em Montevideu (1951-1963); os encontros científicos de que participou; suas relações com a Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira de Filologia e as universidades brasileiras; os cursos que ministrou na Europa como professor visitante e as conferências que proferiu no Brasil.

As perguntas que formulei procuravam sobretudo sondar sua visão pessoal sobre os filólogos e linguistas brasileiros com quem conviveu ao longo da década de cinquenta, interessada que estava eu, naquela ocasião, em colher depoimentos “em primeira pessoa do singular” sobre a emergência de uma linguística brasileira, enquanto disciplina autônoma, distinta da filologia (Altman 1995, 1998). Em surpreendente –ao menos para mim– demonstração de boa memória, Coseriu de pronto mencionou Serafim da Silva Neto (1917-1960) e Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), autores de manuais que disse usar em suas aulas de linguística geral e indo-europeia na Universidad de la República em Montevideu.

Não foi casual a lembrança imediata justamente desses dois *scholars* brasileiros. Retrospectivamente, sabemos que a geração de estudiosos que gravitava em torno de Silva Neto nos anos cinquenta foi aquela que efetivamente promoveu a expansão das universidades brasileiras enquanto *locus* privilegiado do estudo científico em matéria de linguagem no Brasil, justamente quando as expectativas –e as coerções políticas– sobre o trabalho acadêmico começavam a

mudar de eixo.¹ Se, no modelo eminentemente histórico-comparativo da geração anterior, de orientação gramatical, permeado por motivações didáticas e normativas, o estudo da matéria linguística era percebido como da esfera de competência de apenas alguns poucos, os anos cinquenta e sessenta assistiriam à gradativa diluição das funções administrativas e científicas das antigas cátedras. As ciências da linguagem no Brasil aos poucos passariam a ser uma atividade de grupos que se aglutinavam em torno de novos temas e de novas metodologias de pesquisa. Este pequeno ensaio focaliza aspectos deste contexto e da rede de relações acadêmicas que compuseram o pano de fundo por que circulou Coseriu, na década de cinquenta, no Brasil.

I. A rede de relações acadêmicas

Além de Silva Neto e Mattoso Câmara, vários outros nomes entraram no rol daquela conversa de 1993. Eram nomes de colegas brasileiros que conhecera pessoalmente quando das suas vindas ao Brasil em pelo menos três oportunidades: a primeira, por ocasião do I Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, realizado em Salvador, em 1956 (v. Houaiss, 1956); a segunda, por ocasião do I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, realizado em Porto Alegre, em 1958 (*Ibérica* 2, pp. 157-161 e *Jornal de Filologia* 12.3/4, pp. 103-110); e uma terceira, quando participou do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Salvador, em 1959.

1 O início do processo de cientificação dos estudos linguísticos no Brasil é, a rigor, correlacionado pela literatura com a geração acadêmica anterior, responsável pela criação das primeiras Faculdades de Filosofia em São Paulo e no Rio de Janeiro, na década de trinta. A primeira Faculdade de Filosofia regularmente organizada foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*, fundada em 1933, em São Paulo (*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*. USP, 1953). Em 1934, foi criada a Universidade de São Paulo (USP), que incorporou às instituições já existentes – Direito, Medicina, Engenharia, Escola Agrícola, Farmácia e Odontologia – uma Faculdade de Filosofia. Em 1935, foi criada a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, que também instituiu uma Faculdade de Filosofia e Letras. A criação destas Faculdades simbolizaram o fim do autodidatismo em matéria de linguagem e marcaram, na percepção das gerações que se seguiram, o início da carreira do profissional de Letras (Altman, 1998).

Esses encontros atestam os problemas de matéria linguística considerados (cientificamente) relevantes naquele momento no Brasil: a consciência de um processo de dialeção linguística cada vez mais acentuado e, complementarmente, a necessidade de se fixarem normas para o estabelecimento de um padrão linguístico brasileiro, centralizado inicialmente nas questões relativas à pronúncia de grupos profissionais especiais: locutores, cantores, atores. Foi essa questão que motivou, aliás, a realização dos primeiros congressos específicos sobre língua no país e atraiu a atenção do grande público: o I Congresso da Língua Nacional Cantada, organizado vinte anos antes pelo Departamento de Cultura do Município de São Paulo, em 1936, e o I Congresso da Língua Falada no Teatro, igualmente promovido por uma entidade extra-universitária, o Ministério de Educação e Cultura (MEC), e ao qual compareceu, pela primeira vez, Coseriu. Até onde pude verificar, Coseriu não apresentou nenhuma comunicação, ou relatoria, neste encontro, mas foi aí que começou a estabelecer pessoalmente a rede de contatos com os *scholars* brasileiros, que se expandiria nos anos seguintes.

Em contraponto à questão do padrão brasileiro, a variação dialetal também se colocava no centro das atenções dos pesquisadores brasileiros, tanto é que no I Congresso de Dialectologia e Etnografia, de 1958, a dialectologia se consagrava como linha preferencial de pesquisa. Neste encontro, Coseriu proferiu a comunicação sobre “Los conceptos de dialecto, nivel y estilo de lengua y el sentido propio de la Dialectología”.² Estão aí as conhecidas distinções entre variedades espaciais (diatópicas), variedades socioculturais (diatráticas) e variedades expressivas (diafáticas/diafásicas). Na sua proposição, a dialectologia é o estudo dos dialetos enquanto variedades diatópicas, distinta da gramática estrutural que deve descrever o que há de homogêneo na língua histórica:

La diatopía, diatrátia y diafásia, no consideradas como tales por la lingüística estructural, constituyen, en cambio, el objeto propio de la dialectología, la “sociolingüística” y la “estilística idiomática” (o “de la lengua”). En este sentido, precisamente, la dialectología es “lo contrario” de la lingüística estructural: la lingüística estructural

2 Publicado mais tarde, com revisões, em *Lingüística Española Actual* 3.1, pp. 1-32, 1981 e, ainda, sob o título “Sentido y tareas de la Dialectología”, México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Lingüística Hispánica, *Cadernos de Lingüística* de la ALFAL n.º 8, 1982.

(“gramática”) atende a la homogeneidad, la dialectología, en lo que tiene de específico, atende –conjuntamente con las disciplinas de su grupo– a la variedad interna de las lenguas (Coseriu 1982a, p. 30).

Discussão oportuna, sem dúvida, mas precoce, face aos interesses centrais da comunidade científica brasileira que, naquele momento, à exceção de Mattoso Câmara e, talvez, também de Silva Neto e Silvío Elia (1913-1998), estava ainda distante do debate estruturalista.

Com efeito, de acordo com o próprio Coseriu ([1968] 1976), o estruturalismo da Escola de Praga foi introduzido na América do Sul nos anos quarenta e se espalhou pelo continente somente ao longo dos anos cinquenta. O chamado estruturalismo norte-americano só se tornaria conhecido mais tarde ainda, quer por razões metodológicas, quer por razões ideológicas. Segundo o autor, as poucas possibilidades de aplicação dos métodos descritivistas às áreas tradicionalmente estudadas pela linguística latino-americana (lexicologia, dialetologia lexical, filologia) e a resistência geral dos estudiosos a uma postura antimentalista no estudo dos fatos linguísticos –o que implicaria o quase abandono de áreas por eles preferidas, como a semântica e a estilística– seriam um primeiro conjunto de razões para a pequena repercussão da linguística descritiva norte-americana dentre os latino-americanos. Considere-se, ainda, a presença de muitos professores visitantes europeus e a formação, em universidades europeias, de muitos dos linguistas latino-americanos. Além disso, Coseriu apontou a preferência dos pesquisadores sul-americanos pelo francês, os tradicionais intercâmbios entre as universidades europeias e sul-americanas, e a preferência dos alunos sul-americanos pelas instituições europeias. Em suma, em sua avaliação, a pesquisa linguística feita na América do Sul até os anos sessenta, pelo menos, fora uma simples extensão do que havia sido feito na Europa entre os anos 1930 e 1960. E isto se deveu não só a coincidências de interesse pelo estudo de materiais românicos, como também resultou da dificuldade de acesso a trabalhos divulgados em outras línguas que não o francês, o que teria limitado a aproximação a outras linguísticas, que se faziam por outros métodos e sobre outros materiais. Dessa maneira, a oportunidade do debate indiretamente introduzido por Coseriu no Brasil, em 1958, entre as especificidades da dialetologia, enquanto disciplina que tem como objeto a variedade interna das línguas e a linguística estrutural, que tem como objeto justamente a sua homogeneidade, acabaria enco-

berta pelos interesses imediatos da grande maioria dos *scholars* brasileiros: a recolha de variações dialetais, sobretudo quanto ao léxico (cf. objetivos do congresso em *Ibérica* 2, p. 157).

No IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que o levou mais uma vez a Salvador, em 1959, Coseriu foi relator,³ além de ter apresentado o trabalho “Sobre las llamadas construcciones con verbos de movimiento: un problema hispánico”, em que reviu criticamente o método, as delimitações do campo de estudo e o sentido da investigação anteriormente propostos por Amado Alonso sobre o mesmo tema (Coseriu 1960).⁴

Assim é que, ao longo desses encontros, Coseriu também estabeleceu contato com Antenor Nascentes (1886-1972), Celso Ferreira da Cunha (1917-1989), Silvio Elia (1913-1998), Ernesto de Faria (1906-1962), Gladstone Chaves de Melo (1917-2001), Sousa da Silveira (1883-1967), Adriano da Gama Kury (1924-2012), Evainildo Bechara (n. 1928), todos então atuantes no Rio de Janeiro no campo da filologia, notadamente a românica e a portuguesa. É possível que um ou outro nome tenha lhe escapado, mas ele não se esqueceu de também mencionar Nelson Rossi (?-2014), da Bahia, Florival Seraine (1910-1999), do Ceará, Rosário Farani Mansur Guérios (1907-1987), do Paraná; Heinrich Bunse (?-?) e Albino de Bem Veiga (?-?) do Rio Grande do Sul; Angela Vaz Leão (n. 1922),

3 Em carta de 16 de dezembro de 1959, Nelson Rossi, organizador do IV Colóquio, escreve: “Meu querido Coseriu[,] você não pode calcular depois de quanta hesitação me atrevo. Realmente, custa-me importunar os que tiveram a má sorte de funcionar como relatores do Colóquio, e mais ainda a você que eu sei ter um regime de trabalho em Montevideu capaz de liquidar cinco homens em três meses. [...] No caso da Secção de Língua, só nos faltam [receber] os relatórios e as comunicações do Coseriu”.

4 A publicação de 1960 –em <<http://www.romling.unituebingen.de/coseriu/publi/coseriu25.pdf>>– que consultei traz, de fato, como epíteto ao trabalho *Sobre las llamadas construcciones con verbos de movimiento: un problema hispánico*, a seguinte informação: “Comunicação apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Salvador (Bahia), 1959. Os *Anais do IV Colóquio* a que tive acesso, entretanto, mencionam, na Seção II, dedicada à Língua, outro título, mais afeito, aliás, ao tema do colóquio: “Caracteres fundamentales del léxico português”. Talvez se trate de dois textos diferentes apresentados na mesma ocasião? Brenda Laca, em comunicação pessoal, me alerta ainda que, na literatura crítica sobre Coseriu, há referências a um terceiro título de trabalho que Coseriu teria apresentado na mesma ocasião: “Fiz e tenho feito”. Até o momento não consegui localizar todos os textos mencionados e esclarecer o conflito aparente.

de Belo Horizonte; Theodoro Henrique Maurer (1906-1979) e Madre Olívia (?-1994), de São Paulo, enfim, praticamente toda a comunidade em evidência ligada aos estudos linguísticos no Brasil dos anos cinquenta.

Muitos desses nomes compõem hoje o vasto acervo das correspondências confiadas ao Arquivo Coseriu, em Tübingen, através do qual é possível mapear a formação da sua rede brasileira de relações. Generosamente compartilhado por Johannes Kabatek, o acervo contém cartas de Mattoso Câmara, de Silva Neto, de Madre Olívia, de Nelson Rossi, de Mansur Guérios, nas quais, entre 1956 e 1960, se agradecem livros recebidos, se solicitam publicações de ambas as partes, se mencionam trabalhos a serem publicados. As cartas atestam, enfim, a camaradagem estabelecida entre colegas que navegavam nas mesmas difíceis águas sul-americanas dos anos cinquenta: a falta de boas bibliotecas públicas, as dificuldades de toda ordem relativas à publicação, divulgação e circulação de ideias. A cartinha de Madre Olívia,⁵ datada de 24 de julho de 1959, que assina como professora de Língua e Filologia Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica, é um bom exemplo. Observe-se:

[...] Ilustre Professor,⁶

Os livros finalmente chegaram. Apresso-me em agradecer a gentileza de sua carta de 4 de maio e essa preciosa oferta que vem enriquecer a biblioteca. Serão, sem nenhuma dúvida, muito utilizados, e os faremos conhecidos.

Como satisfazer agora o seu pedido de publicações filológico-linguísticas, sobretudo 'paulistas'? Aqui, nesse domínio, por várias circunstâncias, ainda estamos num pequeno deserto ...

Informaram-me que Teodoro Henrique Maurer⁷ tem-lhe enviado seus artigos.

5 Cília Coelho Pereira Leite, conhecida como Madre Olívia, foi docente e pesquisadora na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de 1957 até sua morte, em 1994.

6 À exceção de pequenas atualizações ortográficas, esta carta, bem como as que seguem, foram transcritas tal e qual os originais (CA).

7 Theodoro Henrique Maurer Jr. era então professor catedrático de Filologia Românica da Universidade de São Paulo.

Consegui do Professor Pina⁸ dois números de uma revista já extinta: Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos.⁹ Talvez possam interessá-lo.

Acrescento um pequeno estudo meu sobre “aspectos linguísticos da pontuação” publicado recentemente na Revista de Portugal.

Também lhe agradecerá receber o Anuário desta Faculdade?

Reiterando os meus agradecimentos, aqui fico ao seu dispor,

Madre Olívia

Professora de Língua e Filologia Portuguesa

Na minha interpretação, o lugar que Coseriu viria a ocupar na linguística brasileira nas décadas seguintes seria determinado em grande parte pela sua projeção nessa rede inicial de relações e ficou, de certa maneira, a ela circunscrito. Os primeiros contatos de Coseriu com os filólogos e linguistas brasileiros aconteciam justamente no momento em que se prenunciavam importantes transformações no cenário acadêmico brasileiro, imperceptível ainda para aqueles que dele participavam. A partir dos anos sessenta, as ciências da linguagem no Brasil passariam a ser uma atividade de outros grupos que se aglutinariam em torno de outros temas e de novas metodologias de pesquisa, em meio aos quais Coseriu não ocuparia mais lugar de destaque.

II. Entre a filologia e a linguística

Os profissionais brasileiros voltados para as questões de língua e linguagem nos anos cinquenta no Brasil, se percebiam, antes de mais nada, filólogos. Não por acaso, pois, ao discorrer sobre os centros de pesquisa latino-americanos, Coseriu ([1968] 1976, p. 19) os definiu como centros eminentemente filológicos, em que a linguística, embora pudesse prevalecer em alguns casos, nunca era exclusiva. Na sua interpretação: “Isto se deve à antiga ligação entre linguística e filologia, que foi preservada até hoje em alguns campos, às

8 Muito provavelmente se trata do professor Segismundo Spina (1921-2012), então professor catedrático de Filologia Portuguesa, também da Universidade de São Paulo.

9 *Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos* (1943-1961, não corrente). São Paulo: A Sociedade.

necessidades do ensino, e, sobretudo, a uma tradição espanhola e portuguesa de raízes bastante profundas”. A propósito, observe-se neste sentido o comentário de Mattoso Câmara, também de 1968, que reforça essa visão:

Não obstante o progresso feito em linguística geral, linguística do português e dialetologia, a filologia em seu sentido estrito continua a merecer o interesse predominante dos estudiosos brasileiros. O ensino do português nas universidades brasileiras é principalmente de caráter filológico e frequentemente se confunde com estudos literários (Mattoso Câmara [1968] 1976, p. 58).

De fato, no Brasil, a linguística geral, como disciplina distinta e autônoma em relação à filologia, só se institucionalizaria como disciplina obrigatória aos alunos de Letras em 1962. Até então, os estudiosos brasileiros mencionados por Coseriu, embora não tivessem sido todos da mesma geração, faziam parte de uma tradição de pesquisa vista pelos seus contemporâneos como contínua, passaram para a literatura crítica posterior como grandes filólogos e, como grandes filólogos, ocuparam as principais cátedras universitárias do país; fundaram os primeiros centros de pesquisa dedicados a assuntos linguísticos; dominaram o cenário das publicações monográficas e periódicas e, por isso mesmo, foram aqueles capazes de congregar, até meados dos anos sessenta, pelo menos, o maior número de adeptos. Quase todos os nomes mencionados por Coseriu trabalhavam no Rio de Janeiro, ou em filologia românica, ou em filologia portuguesa, e, caso não trabalhassem no Rio, frequentavam suas instituições, como o Centro de Pesquisas Filológicas da Casa de Rui Barbosa,¹⁰ por exemplo (cf. Rossi 1965, p. 13). O centro principal de irradiação das ideias linguísticas nos anos cinquenta era, portanto, o Rio de Janeiro, e seu líder intelectual e organizacional (nos termos de Murray 1994) era, como reconheceu o próprio Coseriu, Silva Neto (Coelho 1998). Ao ser perguntado, na entrevista de 1993, sobre quem era o *scholar* então evidência no Rio de Janeiro dos anos cinquenta, se Mattoso Câmara, ou Silva Neto, Coseriu observou:

10 O Ministério da Educação e Cultura, através da Fundação Casa de Rui Barbosa, patrocinava atividades na área. Por exemplo, Nascentes, então membro da Comissão de Filologia do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, conseguiu a vinda, em 1954, de Sever Pop, para ministrar um curso de metodologia em pesquisa dialetológica (RBF 1:1, pp. 85-103).

... a linguística [estrutural, de Mattoso Câmara] não estava institucionalizada, e ele ficava um pouco fora do grupo. Também não tinha uma cadeira na universidade, ele tinha uns cursos assim, ... ele tinha se apresentado [em concurso, para a obtenção de uma cátedra], mas tinha ganhado o Celso Cunha.¹¹

Filólogo refinado, romanista brilhante segundo seus contemporâneos e, inegavelmente, professor carismático e pesquisador de renome dentro e fora do Brasil, Silva Neto foi o líder organizacional e intelectual da geração que se veria suplantada pelos “sincronistas” pouco tempo depois. Entre as iniciativas para estabelecer no país o que denominou “mentalidade dialetológica”, estão a criação de um Centro de Estudos Dialetológicos, no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 1953, e a fundação da *Revista Brasileira de Filologia* (1955–1961, não corrente), que dirigiu até sua morte prematura, em 1960. No mesmo período, Nascentes elaborou, em 1954, um ‘questionário típico brasileiro’, publicado mais tarde sob o título *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (Nascentes 1958/1961) e o próprio Silva Neto publicou, em 1955, o *Guia para estudos dialetológicos* (Silva Neto 1955b), resultante das conferências que ministrou em vários pontos do país.

Assim é que, nesta geração, o programa da filologia no Brasil incluía, dentre suas tarefas, além da reconstrução crítica de textos da velha România, a elaboração de atlas linguísticos brasileiros regionais, de acordo com os preceitos do método da geografia linguística. O período das improvisações foi considerado ultrapassado. Os filólogos dos anos cinquenta, formados pelas Faculdades de Filosofia de São Paulo e do Rio de Janeiro, e cientes do desenvolvimento da geografia linguística como “... método científico de recolha sistemática de dialetismos...” (Castilho 1972/1973, p. 121), embora questionassem a validade dos resultados obtidos pela geração anterior dos autodidatas, deles reconheceram o mérito do pioneirismo e se

11 Trata-se do concurso para a Cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), em 1956. Mattoso Câmara, de fato, havia preparado uma tese com a qual concorreria à cátedra (Mattoso Câmara 1956), mas, por razões de política acadêmica, não chegou a apresentá-la, desistindo, assim, de concorrer ao cargo. Segundo Evânildo Bechara, em depoimento pessoal, esse episódio nunca afetou, entretanto, a cordialidade entre Celso Cunha e Mattoso Câmara, que sempre cultivaram respeitoso convívio acadêmico.

consideraram seus sucessores, científicos. A elaboração de um atlas geral do país se definia, assim, como uma nova meta a ser atingida por esta geração.¹²

As diferenças entre as disciplinas filologia e linguística que logo iriam se delinear no contexto brasileiro ainda não existiam, ou ainda não eram percebidas nitidamente pela comunidade científica em evidência, como reconheceu o próprio Coseriu. Embora nos anos cinquenta Coseriu já tivesse publicado em espanhol alentados ensaios críticos sobre as proposições de Saussure, Bloomfield e Hjelmslev,¹³ para mencionar apenas os de maior impacto, os estruturalistas ainda estavam fora da órbita de reflexão da maioria dos filólogos brasileiros, mais interessados em se colocar a par, neste momento, dos avanços metodológicos da geografia dialetal. Neste sentido, é ilustrativa a carta que Silva Neto enviou a Coseriu, não datada, mas, certamente anterior a 1957, da qual transcrevo apenas o trecho em que aponta certas condições de trabalho no Rio de Janeiro, extensivas, certamente, a todo o Brasil:

[...] Sistema, norma y habla¹⁴ chegou ainda a tempo de ser aproveitado na minha História da Língua Portuguesa (fascículo IV)¹⁵ onde eu citara um velho trabalho de Brøndal, [...]

As condições de trabalho no Brasil são muito difíceis como Vásquez lhe contará. É pena não termos aqui a Coseriu, para com ele aprendermos e discutirmos!

Aqui não há Instituto de Filologia e não se compreende ainda muito bem uma preocupação científica pura, sem interesse nas velhas e eternamente maçadoras questões do certo e do errado. Gramatiquice, muita gramatiquice (carta de Serafim da Silva Neto a Coseriu, s/d).

12 Meta, aliás, oficial: o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, definia como finalidade principal da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa (RJ) a elaboração do atlas linguístico do Brasil.

13 Datam, de 1952, *Sistema, norma y habla*; de 1954, *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*; de 1957, *Determinación y entorno*; de 1958, *Sincronía, diacronía y historia*. Todos traduzidos para o português somente mais de vinte anos depois (cf. Coseriu 1979 a, b; 1980 a, b; 1982b)

14 Publicado originalmente em Montevidéu, em 1952.

15 A primeira edição da *História da Língua Portuguesa* saiu em fascículos, entre 1952 e 1957; 2.^a edición, Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

III. Coseriu e a *Revista Brasileira de Filologia*

Ao lado de vasta produção periódica, embora de periodicidade curta e irregular,¹⁶ a *Revista Brasileira de Filologia* (RBF) emergiu no contexto acadêmico brasileiro como um periódico de ambição nacional, destinado a contribuir para a alteração dos modos de produção e circulação das ciências da linguagem no Brasil. Observe-se o prólogo de Silva Neto no número inaugural:

Há pouco anos o inolvidável romanista suíço Jacob Jud reconhecia esta verdade: que o progresso da Filologia Românica se realiza hoje principalmente por meio de revistas. De fato, as publicações periódicas vão indicando os novos rumos das pesquisas, debatendo os problemas, renovando os métodos, expondo as discussões teóricas e fazendo a crítica dos livros da especialidade (Silva Neto 1955a, I).

No seu conjunto, a RBF, inaugurada em 1955, vai refletir o estado da arte no Brasil em matéria de história gramatical, variação dialetal e estilística em prosa e verso do português, tal como compreendida por essa geração, em especial, pelo seu líder e principal inspirador, Silva Neto. De fato, o que chama a atenção em uma primeira leitura global da RBF é a praticamente totalidade de artigos dedicados ao estudo do português¹⁷ (cf. Altman 2016). Este dado sugere, também entre os filólogos brasileiros dessa geração, certo narcisismo românico que se revela pela preferência de estudo da própria língua, já observado, aliás, por Swiggers (1989) em relação aos romanistas de maneira geral. Narcisismo reiterado pela ausência de interesse nesse circuito, aparentemente quase absoluto, por ou-

16 Circularam no período 1940-1960, sob a designação de Filologia, além da RBF: o *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*; o *Boletim de Filologia*, Rio de Janeiro: Dois Mundos (1946-1949, 10 números), dirigido por Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Joaquim Mattoso Câmara Jr. e Sívio Elia; *Iberida: Revista de Filologia*. Rio de Janeiro: Livraria São José, [o subtítulo varia: *Revista de Filologia ibero-americana*] 1959-1961, 6 números), dirigida por Celso Cunha, Antonio Houaiss e I. Salvador Révah; o *Jornal de Filologia*. São Paulo: Saraiva (1953-1961, 13 números), dirigido por Francisco da Silveira Bueno; *Língua e Linguagem*, publicada pela Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: A Academia (1947-?); *Revista Filológica*, publicada pela Academia Brasileira de Filologia, Nova Fase, Rio de Janeiro [s.n.] (1955-1956 [-?], 5 números), dirigida por Ruy Almeida, Cândido Jucá e, como redator-chefe, Serafim da Silva Neto (Altman 2016).

17 À exceção de um apenas, sobre “Las denominaciones rumanas de maíz,” em RBF 5.1/2, pp. 119-127.

tras línguas eventualmente faladas no país, sejam indígenas, africanas, ou mesmo outras línguas europeias minoritárias. A orientação de estudo predominante no período, se admitirmos a centralidade da RBF e de Silva Neto, foi, sem dúvida, para o estudo da história do português, na modalidade literária, e pelo levantamento de vocábulos das variedades dialetais, sócio-profissionais, da fala popular do Brasil.

A busca de renovação, através da publicação de artigos de autores reconhecidamente participantes da comunidade academicamente relevante do período, somada à preocupação de divulgar, através de resenhas críticas, notas bibliográficas e noticiários, as principais tendências do mundo acadêmico europeu e norte-americano, tornaram a RBF uma boa amostra do que essa geração considerou central em matéria de pesquisa linguística. Embora não haja ainda um “diálogo” entre os temas selecionados para o número inaugural, significativamente, o artigo que abriu o número 1 da rbf, em 1955, foi “El plural en los nombres propios”, de Coseriu. A alentada revisão crítica feita por Coseriu sobre a categoria dos nomes próprios foi seguida de um estudo de três brasileirismos de Nascentes, de um ensaio sobre regionalismos, arcaísmos e fonética histórica, de Silva Neto, e de uma resposta de Ismael de Lima Coutinho às críticas que Silveira Bueno, então catedrático de Filologia Portuguesa da Universidade de São Paulo, fizera à sua Gramática Histórica (Coutinho 1955).

No ano seguinte, Coseriu publicou, em português, seu segundo artigo na RBF, sobre “Logicismo e antilogicismo em gramática” (Coseriu 1956b). Trata-se de outro texto teórico, em que reviu criticamente as relações entre linguagem e lógica. A carta de Silva Neto a Coseriu, datada de 13 de setembro de 1956, contextualiza essa publicação e dá uma medida do interesse de Coseriu em ser lido também em português. Diz a carta:

Meu prezadíssimo amigo Prof. Coseriu:

Chegando da Bahia, aonde fui realizar um inquérito linguístico, encontrei as suas estimadas cartas. Devo, desde logo, dizer-lhe que vai receber provas, dentro de duas semanas do seu belo artigo: a demora deveu-se a que, por sugestão sua, tive de o mandar traduzir para o português. Está magnífico; apreciei-o bastante.

Deixe-me agora agradecer-lhe as palavras de estímulo, relativas às Fontes do L[atin] V[ulgar]¹⁸ e, mais ainda, as suas excelentes observações críticas que contribuirão para melhorar a obra. Quanto às falhas bibliográficas devo dizer-lhe que as Fontes é um livro escrito na juventude e que não posso alterá-lo profundamente, senão escrevendo-o de novo. Na minha H[istória] [da] L[íngua] P[ortuguesa] cito as obras que refere.

Encontrei agora o seu excelente livro sobre o latim vulgar. Muito obrigado!guardo com impaciência o seu trabalho sobre a Geografia Linguística.

Vou enviar-lhe, com muito prazer o microfilme do artigo de Spitzer, a que se refere.

Escusado será dizer-lhe que aguardo com impaciência as suas recensões. É duplo o meu interesse: primeiro, porque tenho em alta conta o trabalho do Prof. Coseriu; segundo, porque é uma secção que me interessa muito.

Disponha sempre do seu amigo certo e muito admirador

Serafim da Silva Neto

A publicação seguinte, “Sobre el futuro romance” (Coseriu 1957) abre o terceiro volume da RBF, de 1957, e é a única que motivou efetivamente, nesse circuito, um diálogo teórico, neste caso, com Mattoso Câmara (Mattoso Câmara, 1957). Motivado por então recentes publicações sobre a questão, uma delas do próprio Mattoso Câmara (Mattoso Câmara, 1956; Coseriu 1957, p. 1 e Mattoso Câmara 1957, p. 221), Coseriu examinou o que considerava os dois principais tipos de explicação que circulavam na literatura, no que dizia respeito à substituição do futuro latino por formas perifrásticas: as explicações que chamou de “morfológicas”, que atribuíam o desaparecimento do futuro clássico em proveito de formas perifrásticas, não por uma necessidade expressiva nova, mas sim por uma necessidade distintiva: o futuro clássico se confundia com outras formas de outros tempo por razões de desgaste fonético (por exemplo: *amabo, amavo*); e as explicações que chamou de “semântico-estilísticas”, capitaneadas por Karl Vossler (1872-1949) e adotadas por vários outros linguistas, entre os quais, Mattoso Câmara. Na se-

18 *Fontes do Latim Vulgar: o appendix probi*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1.ª ed. 1938; 2.ª ed. 1946 (CA).

quência de uma argumentação impecável, como é do seu estilo, Coseriu advogou como causa última da substituição do futuro latino por formas perifrásticas modais, justamente no período chamado “latim vulgar”, a emergência do cristianismo, que teria acentuado o sentido de existência e imprimia a ele uma orientação ética, donde as modalizações morais/volitivas que revestiram as novas formas (cf. Coseriu 1957, p. 15). Em argumentação igualmente impecável, de orientação também funcionalista, mas de escopo bastante diferente, Mattoso interpretou como a causa essencial da radicação do futuro romance a generalização do valor exclusivamente temporal do futuro latino clássico “... por intelectualização filosófica, o que enfraqueceu sua coloração modal, levando a língua a preferir as locuções em que essa coloração fosse nítida” (Mattoso Câmara 1957, p. 224). Interpretação essencialmente estrutural (e estruturalista): foi a língua que reacomodou internamente suas formas para dar conta dos valores temporais e modais do futuro.

A carta de Mattoso Câmara a Coseriu, datada de 14 de novembro de 1957, testemunha o tom de camaradagem entre os contraditores – à diferença de outros debates registrados no corpo da RBF (por exemplo, Coutinho 1955). Observe-se a carta:

Prezado amigo e colega E. Coseriu:

Agradeço-lhe sinceramente a oferta do Sommario de Pagliaro, que vai me ser muito útil na preparação da 3.^a edição da minha Linguística (a 2.^a está quase esgotada).¹⁹ Também recebi as suas publicações e as entreguei na Livraria Acadêmica. Aí me mostraram sua carta, em que V. lembra a promessa do Simões, e, encontrando-o depois disso, falei-lhe a respeito e ele me prometeu providenciar; mas o homem é meio doido e não há que confiar. Quais são as novidades a seu respeito? Irá mesmo para a Alemanha? Aqui fala-se sempre muito em V., pois a impressão que deixou foi magnífica. Espero poder re-remeter-lhe em breve uma separata do meu artigo para a Miscelanea de Martinet, mas por enquanto só recebi o volume completo. Também lhe mandarei a minha resposta ao seu Sobre o Futuro Romance, pois não concordo com a sua crítica ao meu trabalho nem com a sua ideia central, embora como verá tenhamos pontos de contacto. Recebi ultimamente duas cartas de Mikus, que parece ter ficado muito satisfeito com a minha Crônica a respeito da teoria sintagmática; eu a

19 Trata-se da terceira edição dos *Princípios de Linguística Geral como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

acho em verdade muito aproveitável apesar do dogmatismo excessivo e rígido.

Muitos respeitos a Exma. Família e minhas recomendações aos amigos daí, como Vasquez e Picardo entre outros, que espero ainda conhecer pessoalmente.

Um cordial abraço do amigo e colega

J Mattoso Câmara Jr

Além dos artigos sobre escritores brasileiros e portugueses, sobre recursos expressivos da linguagem, e sobre os falares populares, a RBF publicou regularmente notícias sobre os eventos significativos da linguística internacional e, principalmente, resenhas sobre publicações recentes, nas seções designadas por “Recensões Críticas”, e “Notas Bibliográficas”: é principalmente nessas seções, em meio à numerosa bibliografia sobre filologia clássica, portuguesa e românica, que se encontram as resenhas de Mattoso Câmara, principalmente, mas também de Silvio Elia e do próprio Silva Neto, sobre a geração de estruturalistas europeus e norte-americanos que interpretou Saussure e o difundiu, incluindo Coseriu. Assim é que Elia resenhou –e introduziu aos leitores brasileiros– o funcionalismo coseriano em *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*, de 1954 (Elia 1955); nas suas contribuições ao VIII Congresso Internacional dos Linguistas, realizado no ano anterior, em Oslo (Elia 1958a) e, em *Sincronía, Diacronía e História*, de 1958 (Elia 1958b). Nos três casos, as longas recensões de Elia descreveram Coseriu como um teórico sagaz e um crítico arguto dos chamados estruturalistas clássicos, notadamente Saussure, Bloomfield e Hjelmslev.

À guisa de conclusões

No início da década de sessenta, como se sabe, Coseriu passou um período como professor visitante na Universidade de Coimbra (1960) e nas Universidades de Bonn e Frankfurt (1961, 1962), pouco antes de deixar definitivamente a América do Sul, em 1963, para se radicar definitivamente em Tübingen, época em que o grupo de sustentação da RBF e da rede brasileira por onde circulava Coseriu também se dispersou. Com ela, se dispersaram também as tarefas a que esta geração havia se proposto: o estudo histórico do português, a descrição do falar brasileiro e a elaboração de atlas regionais. Ape-

sar de intenso, o apostolado de Silva Neto foi de curta duração: o filólogo morreu prematuramente e, ao que tudo indica, morreram com ele a RBF e a “cruzada dialetológica”.²⁰ Os *Anais do I Congresso Brasileiro de Dialetologia e Etnografia* só vieram a ser publicados em 1970 (cf. Coutinho 1990) e do projeto de elaboração dos atlas só o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) conseguiu publicação (Rossi 1965).²¹

O trabalho de pesquisa de campo se tornara repentinamente perigoso em consequência da crise política de 1964. Os anos sessenta surpreenderam a filologia brasileira –aí inclusa a dialetologia– em plena crise. Embora os principais centros acadêmicos continuassem nas mãos dos filólogos, os estudos linguísticos não avançaram muito na direção que lhes imprimira Silva Neto. A formação de uma ‘mentalidade dialetológica’ por ele idealizada –preparação de inquiridores, laboratórios de fonética, cursos de nível superior, organização e execução de projetos de âmbito nacional– não encontraram mais seu chamado centro catalisador e esbarraram nos obstáculos imensos da extensão territorial do país e da crônica falta de recursos. Além disso, começava a tomar formas mais nítidas um outro programa de pesquisa que se apresentava como fortemente concorrente: o *estruturalismo*, que adentrava no cenário brasileiro via institucionalização da linguística, nos currículos mínimos federais das Faculdades de Letras.

20 “A função de catalisador dessa cruzada que era lícito esperar da *Revista Brasileira de Filologia* e de seu pranteado fundador continua interrompida até hoje. Tudo indica que tão cedo não será reencetada. Num país como o nosso, onde a informação científica, repito, praticamente não circula e onde encontros como os que nos reúne são tão raros, o fato já por si trágico pela brutalidade da morte de um amigo e cientista de projeção internacional aos 43 anos, torna-se mais doloroso pelo desfalque irreparável no que precisa ser uma legião e ainda não é uma patrulha” (Rossi 1967, p.109).

21 Só a partir do final dos anos setenta ressurgiria o interesse dos órgãos financiadores pela publicação de outros atlas: Ribeiro, José et al. 1977. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, MEC/Universidade Federal de Juiz de Fora, vol. 1; de Aragão, Maria do S. Silva & Cleusa P. Bezerra de Menezes 1984. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília. CNP/UFPA 2 vol.; Ferreira, Carlota da Silveira et al. 1987 *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/Fundação Estadual da Cultura de Sergipe, e pelo auxílio a outros projetos, como: o *Projeto do Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE); o *Projeto do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALERS); o *Projeto do Atlas Linguístico do Estado de São Paulo* (ALESP). Para atualização da questão: Cardoso e Mota 2012.

Como observou Hassler (2016, p. 520) em relação à Alemanha dos anos sessenta, os estudos de Coseriu àquelas alturas ultrapassavam em muito a linguística histórico-comparativa, que ali se esgotara. Coseriu buscava métodos para explicar o funcionamento da linguagem, o que pressupunha sobretudo uma orientação sincrônica na pesquisa linguística, metodologia pouco desenvolvida na linguística românica alemã dos anos sessenta e, também, com certeza, na que então se fazia no Brasil. Se essa reorientação sincrônica impulsionou o nome de Coseriu na Alemanha a partir deste momento, como interpretou Hassler, no Brasil ela se deu diferentemente.

A ruptura que ocorreu no Brasil entre a disciplina filologia e a disciplina linguística, que reivindicou a partir dos anos sessenta autonomia institucional, teórica e metodológica, acabaria por circunscrever Coseriu na órbita dos filólogos brasileiros e dos primeiros estruturalistas europeus que era mister ultrapassar. Em outras palavras, Coseriu seria percebido nos anos subsequentes à sua ida definitiva para a Alemanha como um dos *scholars* que estavam a meio caminho das orientações tradicionais em matéria de pesquisa linguística e das propostas mais “modernas”, que mal tinham adentrado no país, mas que dominariam o cenário acadêmico brasileiro a partir dos anos setenta. Traduzida para o português do Brasil praticamente somente nos anos oitenta (Coseriu 1979, a, b; 1980, a, b; 1982) a linguística coseriana encontraria espaço junto à nova geração principalmente como um crítico do estruturalismo clássico, e não como o autor de modelos teóricos a serem apreciados no âmbito de uma nova linguística que então apenas apontava no horizonte.



Mattoso Câmara, à esquerda, Eugenio Coseriu, e outro colega, não identificado, em foto de 1957. Arquivo Eugenio Coseriu, Tübingen, foto cedida por J. Kabatek.

Referências bibliográficas

- ALTMAN, Cristina (coord.) *A linguística no Brasil: estórias e histórias em primeira pessoa do singular*. São Paulo: Centro de Documentação em Historiografia Linguística, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://cedoch.fflch.usp.br/projetos>>
- _____. *A pesquisa linguística no Brasil: 1968-1988*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- _____. “Saussure e o (des)encontro de duas gerações acadêmicas no Brasil”, em *Signo y seña. Revista del Instituto de Lingüística de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires*, 30, 2016, pp. 3-21.
- ANAIS DO I CONGRESSO BRASILEIRO DA LÍNGUA FALADA NO TEATRO, realizado no Rio de Janeiro, 1956. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958.
- ANAIS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL LUSO-BRASILEIRO, realizado em Salvador, Bahia, 1959. Salvador, Ministério da Educação e Cultura, 1960.

- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. “A dialectologia no Brasil: perspectivas”, *DELTA*, 15, 1999, pp. 233-255.
- CARDOSO, Suzana Alice e Jacyra ANDRADE MOTA. “Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual”, *ALFA*, 56.3, 2012, pp. 855-870. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>>
- CASTILHO, Ataliba T. de. “Rumos da dialetologia portuguesa, proferido no I Seminário de Pós-Graduação, promovido pela FFCL de Marília, em 1971”, *ALFA*, 18/19, 1972/1973, pp. 115-153.
- COELHO, Olga. *Serafim da Silva Neto (1917–1960) e a Filologia Brasileira. Um ensaio historiográfico sobre o papel da liderança na articulação de um paradigma em ciência da Linguagem*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, inédita, 1998.
- COSERIU, Eugenio. “El plural en los nombres propios”, em *Revista Brasileira de Filologia*, 1.1, 1955, pp. 1-15.
- _____. *La geografía lingüística*. Montevidéo: Instituto de Filología, Facultad de Humanidades y Ciencias, Universidad de la República, 1956a. Disponível em: <<http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu17.pdf>>
- _____. “Logicismo e antilogicismo em gramática”, em *Revista Brasileira de Filologia*, 2.2, 1956b, pp. 223-244. Publicado também em Montevidéo: Instituto de Lingüística, Facultad de Humanidades y Ciencias, Universidad de la República, 1957.
- _____. “Sobre el futuro romance”, em *Revista Brasileira de Filologia*, 3.1, 1957, pp. 1-18.
- _____. “Sobre las llamadas construcciones con verbos de movimiento: un problema hispánico”, em *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Salvador, 1959; Montevidéo, Instituto de Filología, Facultad de Humanidades y Ciencias, Universidad de la República. Disponível em: <<http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu25.pdf>>
- _____. (1968) “Perspectivas gerais”. (Trad. de Maria Cândida D. Bordenave do orig. inglês: Thomas SEBEOK (ed.) *Brazilian Linguistics. Current trends in the language science. Ibero-American and Caribbean Linguistics*, vol. 4, Haia: Mouton, 1968), em *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasi*, Anthony J. NARO (org.) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, pp. 11-44.
- _____. *Sincronia, diacronia e história. O problema da mudança lingüística*. (Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira). Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979a.
- _____. *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos*. (Trad. de A. Dias Carneiro e rev. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira). Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979b.
- _____. *Lições de lingüística geral*. (Trad. de Evanildo Bechara, rev. e corrigido pelo autor). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980a.
- _____. (1968) “Panorama da lingüística ibero-americana (1940-1965)”, em Coseriu 1980b, pp. 277-368.

- _____ *Tradição e novidade na ciência da linguagem: estudos de história da lingüística*. (Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira). Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1980b.
- _____ “Sentido y tareas de la dialectología”, em *Cadernos de Lingüística de la ALFAL*, n.º 8. México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Lingüística Hispánica, 1982a.
- _____ *O homem e a sua linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística*. (Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira). Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1982b.
- COUTINHO, Ismael de Lima. “A propósito de minha gramática histórica”, em *Revista Brasileira de Filologia*, 1.1, 1955, pp. 27-51.
- COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, vol. 2, MEC, 1990.
- ELIA, Silvio. Recensão a “Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje”, publicação do Departamento de Linguística do Instituto de Filologia da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevidéu, 1954, em *Revista Brasileira de Filologia*, 1.2, 1955, pp. 209-213.
- _____ Recensão a “Contribuciones de Eugenio Coseriu a los debates del VIII Congreso Internacional de los Linguistas”, Oslo, 5-9 de agosto de 1957, publicação do Departamento de Linguística do Instituto de Filologia da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevidéu, 1958, em *Revista Brasileira de Filologia*, 4.1/2, 1958a, pp. 219-226.
- _____ Recensão a “Sincronía, diacronía e história (El problema del cambio lingüístico)”, publicação do Departamento de Linguística do Instituto de Filologia da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevidéu, 1958, em *Revista Brasileira de Filologia*, 4.1/2, 1958b, pp. 241-259.
- HASSLER, Gerda. “La historiografía de la lingüística en la obra de Eugenio Coseriu”, em *La Historiografía Lingüística como paradigma de investigación*, Antonio Salvador PLANS et al. (org.) Madrid: Visor Libros, 2016, pp. 519-531.
- HOUAISS, Antonio. “I Congresso brasileiro de língua falada no teatro”, em *Revista Brasileira de Filologia*, 2.2, 1956, pp. 307-311.
- IBÉRIDA. REVISTA DE FILOGIA. [O subtítulo varia: *Revista de filologia ibero-americana*] dirigida por Celso CUNHA, Antonio HOUAISS e I. Salvador RÉVAH (6 números, não corrente). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959-1961.
- JORNAL DE FILOGIA. Dirigido por Francisco DA SILVEIRA BUENO (13 números, não corrente). São Paulo: Saraiva, 1953-1961.
- KABATEK, Johannes. “Eugenio Coseriu (1921-2002)”, em *Estudis Romànics* 26, 2004, pp. 484-488.
- _____ Prólogo, em *Linguagem e discurso*, de Eugenio COSERIU e Óscar LOUREDA LAMAS. (Trad. de Cecília Ines Erthal). Curitiba: UFPR, 2010, pp. 7-11.
- MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. *Uma forma verbal portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Academica, 1956.

- _____ “Sobre o futuro romance”, em *Revista Brasileira de Filologia*, 3.2, 1957, pp. 221-225.
- _____ (1968) “A linguística brasileira”, em *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*. (Trad. de Maria Cândida D. Bordenave do orig. inglês. *Brazilian Linguistics. Current trends in linguistics*, vol. 4, 1968). Anthony J. NARO (org.) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 45-66.
- MURRAY, Stephen O. *Theory groups and the study of language in North America. A social history*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, 2 vols. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Casa de Rui Barbosa, 1958/1961.
- NEVES, Maria Helena de Moura. “Estudos funcionalistas no Brasil”, *DELTA*, 15, n.º especial. 1999, pp. 70-104.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura. 1965.
- _____ “A Dialectologia”, *ALFA*, 11, 1967, pp. 89-115.
- SILVA NETO, Serafim da. “À guisa de prólogo”, em *Revista Brasileira de Filologia*, 1.1. 1955a.
- _____ *Guia para estudos dialetológicos*. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1955b.
- SWIGGERS, Pierre. “Philologie (romane) et linguistique”, em *Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, Un. Trèves 1986*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989, pp. 231-242.